



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE
ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Valéria da Silva Braga

LINGUAGENS DO CHILE: GUIA(GRAFEMA) DE VIAGEM

FLORIANÓPOLIS

2019

Valéria da Silva Braga

LINGUAGENS DO CHILE: GUIA(GRAFEMA) DE VIAGEM

Trabalho Final apresentado como requisito à conclusão do Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina – Polo de Blumenau.

Orientadoras: Prof.^a Dr.^a Tânia Regina Oliveira Ramos e prof.^a M.^a Marina Siqueira Drey.

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Braga, Valéria da Silva
LINGUAGENS DO CHILE : GUIA(GRAFEMA) DE VIAGEM / Valéria
da Silva Braga ; orientadora, Tânia Regina Oliveira Ramos,
orientadora, Marina Siqueira Drey, 2019.
42 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1.Linguagens. 3. Viagem. 4. Fotografia. 5. Biografema.
6. Digital Storytelling. I. Oliveira Ramos, Tânia Regina.
II. Siqueira Drey, Marina III. Universidade Federal de
Santa Catarina. ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA. IV. Título.

Valéria da Silva Braga

LINGUAGENS DO CHILE: GUIA(GRAFEMA) DE VIAGEM

O presente trabalho em nível de especialização foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Cláudia Renata Duarte, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Roberta de Fátima Martins, M.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Celdon Fritzen, Dr.
Coordenador do Curso

Prof.^a Tânia Regina de Oliveira Ramos, Dr.^a
Orientadora

Prof.^a Marina Siqueira Drey, M.^a
Orientadora

Florianópolis, 08 de agosto de 2019.

À Violeta Parra (su guitarrón y arpilleras), à Gabriela Mistral, à
Matilde Urrutia, às mulheres chilenas, às mulheres brasileiras, às
mulheres...

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFSC por ter me ensinado, desde a graduação, que o ensino público, gratuito e de qualidade existe. Mesmo que de um lado há aqueles que a vilipendiam, sucateiam, do outro há professoras e professores corajosos e determinados a fazer com que permaneça produzindo e disseminando o conhecimento, a pesquisa, a educação. Se aprendi, foi na UFSC.

Agradeço à professora Tânia Regina Oliveira Ramos por me ensinar e me inspirar. Por falar de *punctum* e *studium* muito antes da especialização e, com isso, estimular em mim a curiosidade e a vontade de sempre buscar o inusitado, o que toca, o que emociona. Se tive inspirações, foi ela quem as despertou em mim.

Agradeço à professora Marina Siqueira Drey que, com toda a energia de sua juventude, com sua paciência, experiência e conhecimento, me fez produzir um trabalho do qual pudesse me orgulhar. Por sempre ter acreditado em mim, inclusive nos momentos em que parecia impossível continuar e achava que desistir de tudo seria a única alternativa. Se não desisti, foi por ela.

Agradeço ao meu querido Arino (meu grande amor desta vida) por sua disponibilidade em ajudar em tudo o que eu pedia e que não pedia. Por seu carinho, trazendo um lanchinho enquanto eu, no afã de escrever os trabalhos, não parava para nada. Se dei conta, foi com seu carinho.

RESUMO

A autobiografia de Roland Barthes, *Roland Barthes por Roland Barthes* (2017) foi o start, a inspiração e a fonte geratriz deste trabalho, que se propôs a construir um guia de viagem autobiográfico. Mais especificamente, um guia a Santiago do Chile, cidade em que permaneci por quatro semanas, em 2018. A motivação dessa proposta partiu das reflexões suscitadas pela bibliografia aqui apresentada, com destaque aos conceitos de “biografema” (BARTHES, 2005), “*studium*” e “*punctum*” (BARTHES, 1984), estudados no primeiro Módulo da Especialização em Linguagens e Educação a Distância. Para cumprir a proposta, o trabalho foi constituído por duas partes, i) o presente relatório, no qual apresento, defendo e contextualizo a proposta, e ii) um vídeo, no formato de *Digital Storytelling*, no qual materializo, por meio de textos verbais e não verbais, o que denominei “guia(grafema) de viagem”; produção midiática disponível em: < <https://youtu.be/KSGovMhDj0o> >.

Palavras-chave: Viagem. Fotografia. Biografema. *Digital Storytelling*. Santiago do Chile.

RESUMEN

La autobiografía de Roland Barthes, *Roland Barthes par Roland Barthes* (2017) fue el comienzo, la inspiración y la fuente de este trabajo, que se propuso construir una guía de viaje autobiográfica. Más específicamente, una guía de Santiago de Chile, una ciudad donde estuve durante cuatro semanas, en 2018. La motivación de esta propuesta provino de las reflexiones planteadas por la bibliografía presentada aquí, destacando los conceptos de “biografema” (BARTHES, 2005), “*studium*” y “*punctum*” (BARTHES, 1984), estudiados en el primer Módulo de la Especialização em Linguagens e Educação a Distância. Para cumplir con la propuesta, el trabajo consistió en dos partes, i) el presente informe, en el que presento, defiendo y contextualizo la propuesta, y ii) un video, en formato *Digital Storytelling*, en el que me materializo a través de textos verbales y no verbales, que llamé “Guía(grafema) de viaje”; producción mediática disponible en: <<https://youtu.be/KSGovMhDj0o>>.

Palabras clave: Viaje. Fotografía. Biografema. *Digital Storytelling*. Santiago de Chile

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O quarto em Santiago.....	19
Figura 2 - Santiago pela janela do quarto.....	19
Figura 3 - <i>Profesores y yo</i>	21
Figura 4 - <i>Por la ventana de la escuela</i>	21
Figura 5 - A placa.....	23
Figura 6 - Rostos e velas.....	23
Figura 7 - Visitando Violeta.....	24
Figura 8 - <i>Guitarrón</i> de Violeta.....	24
Figura 9 - <i>La Chascona</i> de Neruda.....	25
Figura 10 - Sobre Neruda.....	25
Figura 11 - <i>Ícaro y Dédalo</i> (ou <i>La Pietá?</i>)	26
Figura 12 - Aceitando o convite.....	26

SUMÁRIO

1 OS PASSOS DA CAMINHADA (OU INTRODUÇÃO).....	10
2 VIAJAR É PRECISO. TEORIZAR, PRECISO.....	13
2.1 BIOGRAFEMAS, FOTOGRAFIA, NARRATIVAS DE VIAGEM.....	13
2.2 NARRATIVAS DE VIAGEM, NARRATIVAS DO EU: IMAGENS.....	16
3 O CHILE (<i>CHI, CHI, CHI, LE, LE, LE</i>)	18
4 CONFESSO QUE VIVI (OU CONSIDERAÇÕES FINAIS)	27
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE A - Roteiro para elaboração do guia(grafema) de viagem.....	31

1 OS PASSOS DA CAMINHADA (OU INTRODUÇÃO)

“*Caminante, no hay camino, se hace camino al andar*”.
(Antonio Machado, *Poesías Completas*).

O presente trabalho é apresentado como produção final do Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância e é constituído por duas partes, são elas: i) este relatório teórico, que identifica, contextualiza, justifica e discute a criação midiática, sob a forma de *Digital Storytelling* (daqui em diante denominado DS), elaborada a partir dos registros fotográficos de uma viagem ao Chile, em novembro de 2018; e ii) o vídeo no formato de um DS, o qual, por meio do uso de textos verbais e não verbais, procurou se apresentar como um guia de viagem autobiográfico, denominado “guia(grafema) de viagem”, disponibilizado em um dos mais populares repositórios digitais para arquivos audiovisuais da atualidade, o Youtube, no seguinte endereço eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=KSGovMhDj0o&feature=youtu.be>>.

Dentre os Módulos e Unidades estudados na Especialização, foi o Módulo 1, “Intimidades”, o que fez despertar a vontade de construir uma narrativa de viagem. Sendo que a Unidade 1 e duas de suas subunidades tiveram destaque, foram elas: *A vida como narração; autobiografia como escrita de si* e *O biografema e a fotografia*. Nesses tópicos de estudo, foram apresentados os conceitos de “biografema”, “*punctum*” e “*studium*”, além de trabalharmos com noções de narração via memória. Nesse contexto, os textos e trabalhos ali estudados me deram a oportunidade de (re)conhecer e pensar na semiótica e no texto como algo que está para além do código escrito. Esse entendimento se deu, sobretudo, quando me deparei com o que Barthes chamou de “*punctum*” na fotografia e também com o que ele denominou “biografema”.

Já a opção de construir o guia(grafema) via narrativa digital, para publicar como parte do trabalho final da Especialização, foi motivada pela Unidade 2 do Módulo 3, o “Repositórios digitais”. Nesse Módulo, estudamos o formato de *Digital Storytelling* que, em uma tradução livre, significa “contar histórias em meio digital”. Tal recurso vem sendo utilizado, cada vez mais, em salas de aula (virtuais ou não) a fim de estimular diversas competências (criatividade, redação, argumentação, entre outras) necessárias para se produzir materiais para ou pelos estudantes. O destaque desse tipo de produção está no uso do recurso tecnológico, mais leve e instigante, principalmente para as novas gerações, pois o mundo digital está muito presente no seu dia a dia. Assim, os tópicos sobre o DS e, de forma mais abrangente, sobre as múltiplas tecnologias no contexto

educativo tiveram especial destaque, pois as discussões mostraram tanto a importância e relevância de se alimentar os repositórios digitais quanto como a linguagem virtual e audiovisual é, a cada dia, mais imprescindível para a educação.

Nessa conjuntura, no que diz respeito à Educação a Distância (EaD), especificamente, materiais audiovisuais são produzidos e compartilhados nos chamados AVEA's, os Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem, que estão diretamente ligados à existência de um computador com conexão à Internet, mas são fechados e acessados por meio de login e senha previamente fornecidos a um número restrito de usuários. Em direção oposta, os repositórios digitais são uma forma mais democrática de compartilhar o conhecimento, facilitando o acesso à informação, à pesquisa e à educação para um número maior de pessoas. Assim, mesmo sabendo que os recursos necessários para se conectar tanto a um AVEA quanto a um repositório digital são ainda uma realidade cujo alcance – em quantidade de pessoas e qualidade de conexão – está bem longe do ideal no Brasil, é importante incentivar a pesquisa nos repositórios digitais, bem como a produção de materiais para alimentá-los.

A proposta de criação midiática apresentada teve como fonte principal de inspiração estilística e teórica dois livros de Roland Barthes. O primeiro foi *Roland Barthes por Roland Barthes* (2017), um relato autobiográfico que utiliza imagens (fotografias) de arquivos pessoais e narrativa em prosa, no qual o autor, com habilidade e ineditismo, rompendo com a linearidade temporal, narra aspectos de sua vida. O outro foi *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia* (1984), em que Barthes discorre sobre a fotografia e mostra o quanto ela contribui qualitativamente em uma narrativa, podendo ser, inclusive, a própria narrativa, o texto, o biografema; isto é, a vida em seu fragmento.

Ainda, para ilustrar, a fim de destacar outra influência na elaboração do guia(grafema), destaco a leitura de *Cadernos da viagem à China* (2012), também de Barthes: diário de uma viagem realizada pelo autor em 1974, no qual descreve, por meio de uma narrativa textual inusitada e incomum, pormenores, questões pessoais, paisagens e pequenos acontecimentos do cotidiano da viagem. Cito como exemplo a primeira frase do capítulo inicial, em que diz: “11 de abril. Partida, lavado da cabeça aos pés. *Esqueci de limpar as orelhas.*” (BARTHES, 2012, p.5, grifo meu). Em outro trecho está escrito: “Partimos para a Comuna Popular (1h20 de carro, *região montanhosa*). [...] *Não, não é montanhoso. Campo plano, bonito, [...]*”. (BARTHES, 2012, p.105, grifo meu).

Outro fator que preciso mencionar diz respeito à viagem, em si, pois foi/é uma parte importante e significativa de minha história, de minha biografia. Não foi uma

viagem curta, de turismo ou mera fruição, pois, por quatro semanas, permaneci na cidade de Santiago do Chile com a finalidade de estudar a língua espanhola.

Já quanto à importância acadêmica que este trabalho atinge, entendo que: i) a democratização do conhecimento tendo a Internet como uma poderosa ferramenta; ii) as possibilidades infinitas que as produções audiovisuais conseguem alcançar; e iii) as múltiplas linguagens existentes nos meios digitais já seriam, mesmo que isoladamente, suficientes para apoiar e embasar uma pesquisa na área da linguagem. Vou além e somo aos itens mencionados, ainda, o papel da memória, pela qual passa a potência da subjetividade e as possibilidades poéticas narrativas de si. Por fim, menciono a temática do uso da fotografia como forma de texto não verbal, passível de ser interpretado de uma forma mais contundente e instigante do que quando assume o papel de mera ilustração. Destaco esse item, pois, como já dito, um dos principais propósitos do DS elaborado foi o de fazer a complementaridade entre registro escrito e imagem na construção de sentido e enriquecimento do guia(grafema) de viagem; de modo que a existência do texto não verbal estivesse intrinsecamente ligada ao texto verbal, sendo este mais que mera legenda daquele.

Agora, para ilustrar e finalizar esta apresentação, tomo de empréstimo as palavras de Mary del Priore (2010) quando diz que o seu texto deve ser uma conversa clara e leve com o leitor, na qual se estabelece um diálogo, já que os capítulos “[...] foram imaginados como saborosas conversas.” (PRIORE, 2010, p.4). É com tal intenção de fluidez que o guia(grafema) de viagem quis/quer ser apresentado: com uma linguagem acessível e divertida, mas também instigante, reflexiva e inspiradora.

2 VIAJAR É PRECISO. TEORIZAR, PRECISO

“Meu interesse pela Fotografia adquiriu uma postura mais cultural”.
(Roland Barthes, *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*).

2.1 BIOGRAFEMAS, FOTOGRAFIA, NARRATIVAS DE VIAGEM

As viagens sempre exerceram certo fascínio nas pessoas e, por mais que a maioria goste de fazer uma viagem, no sentido literal da palavra, há aqueles que também se permitem viajar através dos livros, quer seja por histórias ficcionais ou reais, romances ou narrativas de viagem. Não à toa, Modernell (2011, p.19) afirma que “Há infinitas maneiras de viajar. Uma delas é escrever um livro”. Embora não queira escrever um livro, pego como empréstimo a metáfora para afirmar que fiz duas viagens. A primeira quando me desloquei fisicamente para Santiago e a segunda quando elaborei o meu guia(grafema), tendo como norte as reflexões suscitadas em duas obras de Roland Barthes, que agora destaco e comento com mais demora: *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (1984) e *Roland Barthes por Roland Barthes* (2017).

A Câmara Clara: nota sobre a fotografia tem em seu bojo, como o próprio nome diz, a fotografia sendo tratada sob aspectos e conceitos que foram necessários para a produção deste trabalho. Barthes diz que “[...] queria saber a qualquer preço o que ela [a fotografia] era ‘em si’, por que traço essencial ela se distinguia da comunidade de imagens.” (1984, p. 12). Assim, investiga a fotografia sob um ponto de vista mais minucioso e subjetivo visando classificá-la e entendê-la mais a fundo. Nesse estudo, o autor trabalha com os conceitos de *studium* e *punctum* que, no meu entendimento, são fundamentais na composição de outro conceito: o de biografema, sobre o qual discorrerei a partir de sua autobiografia intitulada *Roland Barthes por Roland Barthes* (2017).

Autobiografia com fotos antigas que a ilustram e mostram cenas comuns e familiares do autor de *Roland Barthes por Roland Barthes* (publicado em 1975 com o título original *Roland Barthes par Roland Barthes*): essa poderia ser uma sucinta descrição da obra citada, desde que seu autor não fosse Roland Barthes. Das muitas (auto)biografias ilustradas, que foram publicadas ao longo dos tempos, desconheço qual possa ser comparada a essa obra. Mais que uma narrativa autobiográfica, tem estilo próprio, pois nela o texto não verbal e o texto verbal mantém uma relação de interdependência. Eles são complementares e indispensáveis um ao outro.

No livro, Barthes fala (de forma fragmentada) de sua infância, da juventude, de

sua mãe, faz algumas reflexões sobre sua vida e, ao mesmo tempo, ilustra tudo isso com fotos de sua infância, da juventude etc. O autor também se deu a liberdade de escrever de uma forma mais livre, condizente com o “escrever a leitura” que tão bem faz em *Rumor da Língua* (2004). Sobre isso, Dosse (2009, p.306) diz que Barthes decidiu “[...] encarar de frente a tensão, que até a época o dominava, entre o homem da ciência e o escritor e, desta feita, optou sem hesitar pelo segundo”. Algumas controvérsias surgiram na época em que esse livro foi lançado, pois ele apresentava várias características que, ao mesmo tempo, o qualificavam e o excluía de uma mesma categoria. Ou seja, embora ele tivesse muitos elementos de uma autobiografia, o próprio autor o identificou como um romance, cuja voz pertence a um personagem.

Na obra em questão, o texto não verbal se faz por fotografias que retratam cenas, aparentemente comuns (*studium*), mas, em conjunto com os textos verbais, revelam-se muito mais do que se depreende delas em um primeiro olhar (*punctum*). Logo no início, Barthes (2017, p.13) fala sobre as fotografias e diz: “Só retive as imagens que me sideram, sem que eu saiba por quê (essa ignorância é própria da fascinação, e o que direi de cada imagem será sempre imaginário)”; dessa maneira vai se revelando, aos poucos, a sua relação com essas imagens e a autobiografia.

O papel mais profundo – para além do de mera ilustração – e íntimo entre o autor e as fotografias também é percebido quando revela que “[...] são somente as imagens de minha juventude que me fascinam. [...] Não é, pois, a nostalgia de um tempo feliz que me mantém encantado diante dessas fotografias, mas algo mais turvo.” (BARTHES, 2017, p. 13). Entendo que nesse trecho o autor se refere ao *punctum*, pois é ele o “algo mais turvo”, é o que fica subentendido na fotografia. O conceito em questão está presente em *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (1984), livro em que Barthes “[...] tece conceitos úteis para qualquer pesquisador que se envolva no universo das imagens fotográficas.” (LIMA, 2004, p.1) e esclarece muitas questões a respeito de sua visão e entendimento sobre elas.

Intrigado com o assunto desde que bateu os olhos em uma fotografia antiga que retrata um irmão de Napoleão, o autor se questiona sem encontrar eco para discutir/dialogar sobre o assunto, alguém que o ajudasse a entender o sentimento que teve ao olhar para aquela foto e pensar que estava vendo “[...] os olhos que viram o Imperador.” (BARTHES, 1984, p.11). Em virtude de seus questionamentos (esses e outros mais), acaba nos brindando com dois conceitos: o já mencionado *punctum* – que se origina do latim “*pungere*”: o que fura, perfura, corta, alfineta, punge – e o *studium*, do verbo

“*estudare*”, aquilo que se enquadra numa imagem, “a aplicação a uma coisa [...] sem acuidade particular” (BARTHES, 1984, p. 45).

A título de ilustração e pensando no contexto das mídias da atualidade, podemos comparar o *studium* – o explícito, o óbvio, o que “está na cara” – quase que com uma inclusiva áudio-descrição #PraCegoVer: uma paisagem ao ar livre, tendo ao fundo uma montanha com neve em seu cume e pessoas sorridentes e de braços abertos. Em outra direção, temos o *punctum*. “Em outra direção” porque o oposto do *studium*, já que descreve o olhar particular do sujeito diante da imagem posta, o que me afeta ou, nas suas palavras: “[...] me punge (mas também me mortifica, me fere).” (BARTHES, 1984, p.46). Nesse contexto, as fotografias selecionadas e que fazem parte do meu guia(grafema) quiseram ter compromisso com o *punctum*, pois a imagem fez parte integrante e indissociável do texto verbal exatamente neste ponto: o da subjetividade.

Ainda sobre a fotografia e a obra de Barthes, devo destacar mais um conceito de suma importância e relevância: o de “biografema”, mencionado pela primeira vez em *Sade, Fourier, Loyola* (2005, p. 17):

[...] se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma, como [...] um filme à moda antiga, de que está ausente toda palavra e cuja vaga de imagens [...] é entrecortada, à moda de soluções salutares, pelo negro apenas escrito no intertítulo, pela irrupção desvolta de outro significante.

Ou seja, o biografema deve ser identificado na realidade contemporânea do fragmento, no detalhe de vida. Barthes retoma o conceito em *A Câmara Clara* dizendo que há “[...] certos traços biográficos que, na vida de um escritor, [...] encantam tanto quanto certas fotografias” (BARTHES, 1984, p.51), os biografemas. Ainda sobre o termo, o autor o explica usando a seguinte comparação: “[...] a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia.” (BARTHES, 1984, p. 51). Ao usar letra maiúscula fica mais evidente a importância que tem para ele e o quanto a fotografia o intrigava por querer entender “[...] por que traço essencial ela se distinguia da comunidade das imagens.” (BARTHES, 1984, p. 12).

Para entender um pouco mais sobre o conceito, fui buscar uma definição que fosse objetiva e direta. O E-Dicionário de Termos Literários, de Carlos Ceia, fala sobre o assunto, esclarecendo que:

[...] o neologismo “biografema” passou a fazer parte da teoria literária, inserindo-se na crítica como aquele significante que, tomando um fato da vida civil do biografado, *corpus* da pesquisa ou do texto literário, transforma-o em signo, fecundo em significações, e reconstitui o gênero autobiográfico através de um conceito construtor da imagem fragmentária do sujeito [...] (MUCCI, 2009, on-line).

É nessa lógica que o biografema se afasta da ilusão da totalidade e se relaciona, segundo Dosse (2009, p. 306), “a um tipo de arte da memória”. Nisso, é possível aproximar o biografema numa relação entre a fotografia e a biografia, isto é, como uma imagem que congela e conta parte da história de uma vida. E é justamente nesse lugar que contextualizo minha narrativa de viagem ou, mais precisamente; o guia(grafema) de viagem apresentado.

2.2 NARRATIVAS DE VIAGEM, NARRATIVAS DO EU: IMAGENS

Ao estudar o capítulo intitulado como “A ilusão biográfica” escrito por Pierre Bourdieu na obra *Usos & abusos da história oral* (2006) e também o primeiro capítulo “A metáfora da viagem” do livro *Enigmas da modernidade-mundo* (2003), de Octavio Ianni, percebi uma relação estreita entre as narrativas de viagem e as (auto)biografias e exponho o porquê dessa conclusão a seguir. Entendi que há aspectos em ambas que, se não se igualam totalmente, pelo menos se assemelham muito. Uma viagem pode ser um recorte, um trecho, uma parte da vida de uma pessoa, mas não é a vida toda dessa pessoa, não contempla toda a sua trajetória por mais importante e significativa que essa viagem tenha sido. Da mesma forma, a (auto)biografia não é toda uma vida. Ela é uma parte, um recorte, um trecho de uma história de vida.

A viagem é, foi e sempre será um catalisador da História da humanidade, um exemplo disso é que sem as viagens dos exploradores e colonizadores, o mundo ocidental seria muito diferente do de hoje. Ianni afirma que “O Velho Mundo somente começou a existir quando os navegantes descobriram e conquistaram o Novo Mundo.” (2003, p. 22), parece simples e óbvio, mas o significado dessa afirmação provoca uma reflexão profunda e uma conclusão dita pelo próprio Ianni (2003, p.22) da seguinte forma: “A viagem pode alterar o significado do tempo e do espaço, da história e da memória, do ser e do devir. Leva consigo implicações inesperadas e surpreendentes.” Ora, se a viagem modifica a história da humanidade, ela modifica as pessoas e as histórias dessas pessoas, pois “Todas as formas de sociedade, [...] trabalham e retrabalham a viagem, seja como modo de descobrir o ‘outro’, seja como modo descobrir o ‘eu’ (IANNI, 2003, p.13); ou seja, a

viagem está intimamente relacionada com o ser humano, quer seja no grupo ou individualmente.

Corroborando esse raciocínio está Ribeiro (apud SCHEMES, 2013, p. 3) quando trata da relação entre narrativa de viagem e (auto)biografia dizendo que:

Os relatos de viagens são subgêneros da biografia e da autobiografia. Tanto uma como a outra contemplam a narrativa de uma vida toda, com início, meio e fim. O relato de viagem torna-se apenas uma ínfima parte de um todo, uma espécie de metonímia da vida. [...] Se o relato de viagem não considera toda uma biografia, ele reproduz, no entanto, uma parte importante da vida.

Ao incluir essa viagem que fiz ao Chile na minha (auto)biografia comecei a pensar nos sentimentos e nas emoções que perpassam no leitor de *Roland Barthes por Roland Barthes* como a minha metodologia: as fotografias não foram simples imagens ilustrativas e o texto verbal não foi mera legenda e essa especificidade é o que pode fazer o meu texto ser tão peculiar e instigante. Tudo isso criou um grande desejo de explorar esse universo (da fotografia, do biografema, do *punctum* e do *studium*). Do desejo de explorar veio, em seguida, a ideia de usar esse formato para produção de outras obras (como, por exemplo, um guia de viagem) com a finalidade de torná-las mais atraentes, com maior riqueza de conteúdo, e dando mais peso a um gênero que nem sempre recebe uma classificação que lhe dê a devida importância e valor, pois, como nos diz Cunha (2012, p.155 *grifo meu*): “Para abordar teoricamente a literatura de viagens, convém ter em conta que se trata de um *gênero de fronteira* [...]”.

3 O CHILE (*CHI, CHI, CHI, LE, LE, LE*)

“Gracias a la vida que me ha dado tanto”.
(Violeta Parra, *Letra y música*).

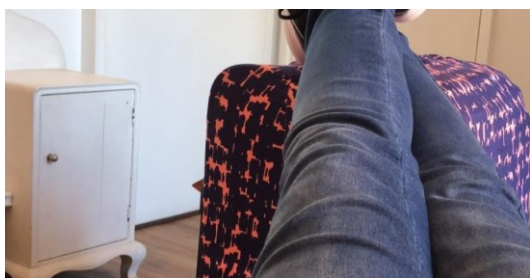
Falar sobre a visita ao Chile é algo que me causa boas recordações. Minhas memórias e impressões estão (re)tratadas na criação midiática apresentada, mas tentarei deixar aqui um outro tipo de relato. Para isso, tomo de empréstimo as palavras de Schemes (2013, p. 1), que afirma não ser “[...] possível dissociar o relato e a viagem em si, pois a viagem, [...] fornece as condições de produção, ainda que a viagem e o relato tenham sido realizados por pessoas diferentes”. Essa afirmação me coloca na posição de viajante e relatora, mas a pergunta que teima em não calar é: qual a força motivadora para ir a esse lugar e não a outro? Antes de respondê-la, sinto-me inclinada a esclarecer outro questionamento que você, leitor, deve estar fazendo: “Por que ela foi viajar?” E, além dessa, há outras mais, como por exemplo: “Por quanto tempo?” e “Com quem ela foi?” Daqui em diante, responderei a esses questionamentos me valendo da exacerbada manifestação do eu.

A primeira pergunta tem uma resposta simples e direta: fui viajar porque queria fazer um curso de imersão e estudar um idioma estrangeiro, como expus na apresentação de meu trabalho. Essa vontade começou em 2016 e o primeiro idioma que pensei foi o inglês. Talvez porque eu já tenha um nível intermediário nessa língua, talvez porque esse tenha sido um desejo da adolescência e que ficou guardado por não ter meios de realizar na época (aprendi inglês aqui mesmo no Brasil, estudando no CCAA e assistindo aos filmes de Hollywood com som original); talvez por tudo isso junto e algo a mais que não me lembro agora... O próximo passo era fazer uma lista de países que me interessavam. Fiz: Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Todos estavam muito distantes de serem possíveis, tanto do ponto de vista financeiro quanto em relação à distância (literalmente), por questões pessoais e de família. O sonho de estudar em outro país continuava.

A realidade me trouxe para a América do Sul e para o espanhol. Sonho convergindo com a realidade possível, deveria escolher qual seria o país de destino. Diante das opções Argentina (Buenos Aires), Uruguai (Montevideu) e Chile (Santiago) parti em busca de dicas e informações que me ajudassem a decidir. A funcionária da agência de intercâmbio falou maravilhas de Santiago. Minha filha (e conselheira para assuntos de viagens internacionais, pois é bem mais “viajada” que eu) também tinha ouvido falar bem do Chile e me convenceu pelo quesito segurança pública (sou bem

preocupada com esse assunto). Sendo assim, optei pelo Chile. Mas o que eu sabia sobre o Chile? Sabia pouquíssimo sobre o país, seu povo, sua cultura e história. Sabia de Neruda, dos vinhos, dos terremotos frequentes, que eles também tinham tido uma Presidenta da República, da geografia peculiar e só. O interesse e a busca de leituras para entender um pouco mais desse país vieram enquanto eu estava lá, visitando museus e conhecendo pessoas e personagens que jamais poderia ter imaginado que existiam (como a encantadora e talentosa Violeta Parra). Buscava as informações na Internet e aprendi um pouco mais com as visitas guiadas ao museu dos Direitos Humanos, ao Museu Violeta Parra e às casas de Pablo Neruda. Viajei sozinha e por quatro semanas vivi em Santiago do Chile (mais duas perguntas respondidas).

Figura 1 - O quarto em Santiago



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 2 - Santiago pela janela do quarto



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

“Uma viagem ao Chile, a fim de aprender o idioma espanhol em um curso de imersão”: esse foi apenas o mote, o gatilho inicial, pois quando decidi fazer uma viagem e escolhi o lugar, havia vários interesses e objetivos envolvidos nessa escolha. Entre eles estava: explorar e conhecer a cultura, os costumes, hábitos do povo e fazer muitas fotografias. Eu não queria fazer uma viagem do tipo “fui para dizer que fui”, não tinha objetivo de ir “passear” ou descansar ou simplesmente “dar um tempo” da rotina. Queria algo a mais, que proporcionasse um aprendizado, um crescimento pessoal, um momento importante e de valor simbólico e cultural em minha vida, nesse recorte de minha biografia. No dizer de Cecília Meireles (1999 apud Modernell, 2011, p. 55), “Grande é a diferença entre o turista e o viajante”. Segundo a autora, enquanto o primeiro é leve e despreocupado, o segundo é comprometido em fazer parte e aprender o máximo possível do lugar visitado. Turista eu, não! Eu quis ser viajante (e, sempre que puder, o serei).

Fazendo um curso de imersão, além de viajante, tornei-me, também, estudante. Saí do Brasil com algumas certezas: que não seria simples aprender espanhol, que as semelhanças com o português não facilitaríamos esse aprendizado (ao contrário disso,

poderiam proporcionar uma grande confusão) e que minha aprendizagem não ficaria restrita à sala de aula. Minhas certezas se confirmaram, mas tudo transcorreu bem durante as quatro semanas de minha permanência no Chile. Viajei para Santiago no domingo e no dia seguinte foi o meu primeiro dia na escola. A praxe deles pede que todo o aluno faça um teste de nivelamento que consiste em uma prova escrita e uma breve entrevista. O resultado das provas me colocou no nível básico A2 (o nível inicial é o A1, no qual normalmente ficam os estudantes que nunca tiveram o mínimo contato com o espanhol).

A escola ficava em um prédio bem antigo, no centro de Santiago, em frente ao Palácio *La Moneda*, sede do governo e local de trabalho do Presidente da República. Essa localização teve aspectos positivos e outros nem tanto. O barulho do trânsito (sobretudo as sirenes de ambulâncias e polícia), o barulho da banda que tocava durante a cerimônia de troca da guarda oficial do Palácio, o preço dos restaurantes próximos (aliás, alimentação em Santiago é muito cara) foram os aspectos negativos. Por outro lado, estávamos muito próximos do metrô (o que facilitava o acesso e barateava o custo de deslocamento para muitos passeios), era possível visitar vários lugares interessantes (museus, parques, praças, ruas) e necessários (casas de câmbio) a pé.

A rotina na escola consistia em aulas no período da manhã e passeios guiados (ou não) à tarde. As turmas eram bem heterogêneas (idades, nacionalidades, objetivos de aprendizagem), mas com maioria de brasileiros que vivem em São Paulo. De vez em quando, nos intervalos, eu tinha a oportunidade de tirar o meu empoeirado inglês e colocá-lo em prática, conversando com alemães, holandeses, italianos que estudavam lá na escola também. Os professores (sim, no plural porque tive três professores diferentes) eram chilenos e as aulas na nossa turma eram bem divertidas, pois havia um entrosamento muito bom. Fiz amizade com a maioria dos alunos e os passeios de fim de semana eram escolhidos em consenso.

Durante as aulas falávamos espanhol o tempo todo, mas não era cansativo nem entediante. Minha maior dificuldade foi com a conjugação verbal, pois as terminações variam e há muitos verbos irregulares. Achei a experiência de fazer um curso de imersão fantástica e certamente farei outros cursos assim. Tive raras oportunidades de conversar em espanhol desde que voltei do Chile e me saí bem, pois consegui compreender e ser compreendida, recebi elogios pela minha pronúncia e vocabulário. Mas tenho que admitir que, com o passar do tempo, escrever está ficando cada vez mais difícil. Nunca imaginei que iria gostar de aprender outro idioma diferente do inglês. Por isso tenho planos de

voltar a estudar fazendo aulas de conversação, lendo e assistindo a filmes e séries em espanhol.

Figura 3 - Profesores y yo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 4 - Por la ventana de la escuela



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

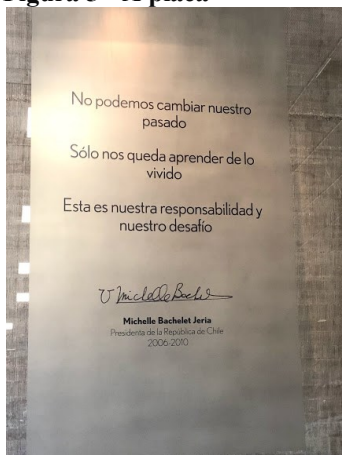
Saindo do ambiente seguro da escola, eu sabia que precisava tomar algumas informações básicas sobre Santiago. Mais do que mera curiosidade, tinha que saber o essencial para evitar transtornos e despesas desnecessários, bem como ter uma noção do que havia para conhecer e visitar de acordo com o meu gosto pessoal e disponibilidade financeira. Sendo assim, quando um assunto me interessa e quero saber mais sobre ele, faço uma pesquisa na Internet. Assim, pesquisei sobre o Chile, ou melhor, sobre Santiago. Procurei os bairros com melhores acessos, mobilidade urbana, transportes públicos existentes e tudo o mais que achei relevante para minha “sobrevivência” naquela cidade. Antes de ir, o que sabia sobre o país não era muito, mas entendi que seria suficiente. Nas minhas pesquisas, por exemplo, entendi que não haveria a menor possibilidade de conhecer a Ilha de Páscoa: cinco horas de voo para percorrer quase quatro mil quilômetros de distância e o custo da passagem mais alto que a do Brasil ao Chile. Desânimo. Por outro lado, o fato de ser banhado pelo Oceano Pacífico fazia desse país algo pitoresco e decidi: não regressaria ao Brasil sem molhar *mis pies* nele. E foi assim, de um site a outro, que fui entendendo o que seria possível, viável.

Descobri e peguei muitas dicas nas pesquisas prévias: sobre a *tarjeta BIP*, espécie de cartão recarregável para uso nos ônibus e no metrô, sobre as feirinhas de artesanato, pois gosto muito de artesanato e valorizo muito o das localidades que visito, sobre as vinícolas, gosto de vinho, sobre o bairro onde iria ficar, pois buscava um residencial agradável e próximo à escola. Escolhi o *Providencia*. Quando cheguei lá descobri que não era próximo da escola: caminhada de dez minutos, ônibus e metrô para ir e voltar), mas era residencial e agradabilíssimo com uma linda praça arborizada onde os chilenos

(e eu também) sentavam-se nos bancos para conversar e ouvir o realejo (aos domingos) e esperar o início da noite (lá pelas 20 horas).

A imersão na língua, cultura, costumes e hábitos do povo chileno possibilitou um aprendizado que foi além do idioma, objetivo inicial do intercâmbio. Descobri um Chile que tem seus primeiros habitantes e respectiva cultura, tão admirado por uns (o povo em geral) e tão negligenciado por outros (o governo e os detentores do poder financeiro). Falo dos Mapuches, um dos poucos grupos de indígenas que ainda têm representantes dessa cultura, que antecede à chegada dos europeus na América. Em Santiago acontecem muitas passeatas (eles chamam de *marcha*) de protesto. Motivos para protestar nunca faltam. Umas são “organizadas”, pois são liberadas pelo poder público. Outras são duramente (e excessivamente) reprimidas pela polícia (*los Carabineros*), que usa gás lacrimogêneo e jatos d’água contra cidadãos que exibem cartazes e gritam palavras de ordem. Quando eu estava lá, um jovem Mapuche foi assassinado por um policial. Como as autoridades não mostravam empenho em esclarecer o caso e punir o culpado, iniciou-se uma onda de protestos, em Santiago e no sul do país, pedindo providências e justiça, uma delas fez com que o trânsito de uma avenida principal fosse interrompido. Muito gás e truculência. Voltei para casa a pé e querendo (mais ainda) justiça para o jovem morto.

Minhas descobertas não pararam por aí. Visitei alguns museus, mas dois deles foram pontuais para aclarar muitos pontos sobre a história recente de um povo que se assemelha muito à nossa. No *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* tive uma visita guiada. Nela tomei ciência do golpe militar no qual o General Pinochet depôs o então Presidente Salvador Allende de forma violenta, bombardeando o Palácio *La Moneda* (sede do governo), em 1973. Tortura a políticos e cidadãos que se rebelaram (ou tentaram) contra o golpe, pessoas desaparecidas, repressão, censura, imprensa sem liberdade e manipulada pelo Estado. As épocas são diferentes, mas as histórias... infelizmente não. Muita dor e sofrimento que o povo faz questão de lembrar e mostrar para homenagear os mortos e suas famílias. Inaugurado pela Presidenta Michelle Bachelet em 2010, o museu tem uma placa na entrada que diz: “*No podemos cambiar nuestro pasado. Sólo nos queda aprender de lo vivido. Esta es nuestra responsabilidad y nuestro desafío.*”. Senti inveja (da consciência deles e por não termos um museu assim), senti tristeza (pelos chilenos e pelos brasileiros mortos e por suas famílias também). Mostrar os erros e assumi-los é fundamental para que não se repitam. Mais uma grande lição que (re)aprendi no Chile.

Figura 5 - A placa

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 6 - Rostos e velas

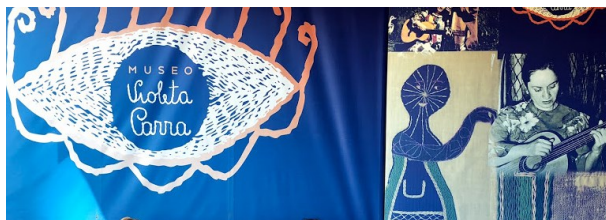
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

No outro dia, outro museu e mais lições de história do Chile, lições de vida e de humanidade. Dessa vez falo do *Museo Violeta Parra*, outra visita guiada a um museu criado para manter a memória de uma única artista, porque se trata de uma artista única. Uma mulher múltipla e ímpar. Uma artista múltipla e ímpar. Mas eu não sabia disso; fui apresentada a Violeta Parra naquele dia e posso dizer que foi um imenso prazer conhecê-la. Uma mulher muito à frente de seu tempo, filha de camponeses (seu pai era professor de música também), Violeta viveu sua infância na zona rural, foi autodidata em violão e *guitarrón* (instrumento parecido com o violão que possui 25 cordas e alta complexidade). Embora o pai fosse professor de música, não queria ensinar para Violeta; não queria que a filha sofresse a dura vida de um músico, mas ela aprendeu sozinha, observando-o tocar o *guitarrón* (que era de domínio masculino).

Violeta tocava escondida, mas um dia sua mãe voltou da roça mais cedo e ouviu de longe uma música que, de tão bem tocada, acreditou ser o seu marido. Era Violeta. Desde esse dia, seus pais viram que não seria possível impedir tamanho talento para a música. Mais tarde, foi vítima de uma enfermidade que a fez ficar de repouso por vários meses e assim desenvolveu um estilo próprio na execução de um bordado em *arpilleras*; suas obras foram expostas em Paris e em outros países da Europa. Ela também foi pintora, cantora, compositora e poetisa, teve uma vida intensa e muito engajada com a cultura, arte, política e música. Grande divulgadora da arte e folclore chilenos pelo mundo, morreu em 1967 e deixou um legado de arte, força e coragem de uma grande mulher. Nunca mais a esquecerei. O seu museu promove workshops (*talleres*) de diversas artes manuais e musicais, palestras sobre diversos temas, shows de música e exposições. O museu tem também um lindo jardim que dá vontade de ficar lá e não sair mais, ficar lendo ou estudando, um clima de paz e tranquilidade, embora o prédio esteja localizado em um

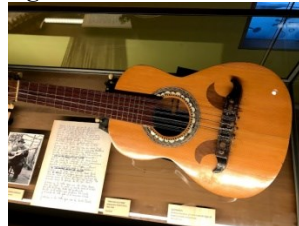
bairro muito movimentado e próximo a uma estação de metrô (*Baquedano*) onde há a concentração de passeatas e protestos.

Figura 7 - Visitando Violeta



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 8 - Guitarrón de Violeta



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

A visita à casa de Pablo Neruda (em Santiago) também foi algo muito marcante. Além de conhecer uma casa com arquitetura bem diferente de tudo que eu poderia imaginar, fiquei sabendo um pouco mais sobre a história de um personagem que me possibilitou conhecer melhor a questão política e o golpe de 1973. Esse poeta, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, cônsul do Chile na Espanha e em outros países, teve uma ligação especial com a história política do país e, em especial, com o momento do golpe. Era amigo de Salvador Allende e, portanto, inimigo daqueles que promoveram o fim de seu governo. Ouvi por lá que há controvérsias acerca das circunstâncias de sua morte, ocorrida alguns dias após o bombardeio à sede do governo. O velório, realizado em sua casa de Santiago (*La Chascona*), que havia sido atacada por vândalos (apoiadores do golpe) um dia antes, foi organizado por sua viúva e contou com a presença de alguns amigos mais chegados. Conheci mais uma figura feminina que causou em mim uma grata surpresa: Matilde Urrutia, sua última esposa e fundadora da *Fundación Pablo Neruda* que transformou todas as residências (são duas fora de Santiago, uma em Isla Negra e outra em Valparaíso) em casas-museu, com objetos e móveis originais e sistema de áudio-guia. Corajosa, culta e determinada a preservar e manter viva a memória de um homem a quem ela tanto amou. Um dos livros mais conhecidos de Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto (Pablo Neruda é um nome artístico), *Confesso que vivi* (1974), foi publicado por Matilde um ano após sua morte. Neruda pode ser o personagem principal, mas saber sobre Matilde foi muito mais encantador e significativo: mais uma grande mulher chilena.

Figura 9 - La Chascona de Neruda



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 10 - Sobre Neruda



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Não poderia concluir este ensaio sem falar do *Museo Nacional de Bellas Artes* de Santiago e a escultura da artista plástica chilena Rebeca Matte, denominada *Unidos en la gloria y en la muerte*, que retrata dois personagens da mitologia. O pai é Dédalo e tem nos braços o filho Ícaro, após o voo que lhe custou a vida. Localizada na entrada do museu, essa escultura e eu temos uma história que começou na graduação de Letras: uma foto dela ilustrava uma das disciplinas, no Moodle. Lembro bem do impacto que senti ao ver pela primeira vez essa imagem e da associação que fiz com a *Pietà*, de Michelangelo. A dor de um(a) pai/mãe, com o filho desfalecido nos braços, retratados de forma tão pungente, tão sensível. Fui pesquisar e quando descobri que a escultura estava em Santiago, pensei: quero ver isso de perto, um dia eu vou. Fui, vi e senti uma emoção quase inexplicável. Pensei nos estudos da graduação e na questão da (re)escritura dos textos, que de certa forma os textos não são inéditos, que as palavras que hoje escrevo já foram escritas por alguém e serão (re)escritas por outros. Acho que tive esse mesmo sentimento sobre essa escultura e começo a pensar que com a fotografia acontece o mesmo. Inédito é só o leitor, embora seja a mesma pessoa, pois nós e a nossa maneira de entender o mundo se transformam ao longo dos tempos. Reflexões à parte, tive a felicidade de ver e fotografar a escultura. Visitei o museu e pude me emocionar com as exposições e o acervo permanente (museus sempre me emocionam). Fotos para lembrar ou para não esquecer, para salvar em arquivos digitais o que a memória pessoal quer compartilhar com as outras pessoas. Tal como o registro fotográfico da escultura que estava no Moodle, fotos que sensibilizam, que atijam a curiosidade e a busca pelo conhecimento. Fotos, *studium* e *punctum*.

Figura 11 - Ícaro y Dédalo (ou La Pietá?)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 12 - Aceitando o convite



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

A proposta de produzir um DS deu às fotos uma finalidade mais abrangente, objetiva, prática, concreta. Sendo assim, a coleta/produção das fotos que são parte integrante e imprescindível para a execução deste trabalho ganhou outro valor. No DS que produzi, a fotografia assume o papel de registrar lindos lugares e paisagens, mas também de ser o texto que, em parceria com o texto verbal, possibilita mostrar algumas das impressões que tive sobre cada uma daquelas imagens. No guia(grafema) apresentado, recorto e compartilho um pouco do Chile que vivi, senti, conheci e quero partilhar com as pessoas que se interessem por esse lugar e gente, fazendo suas próprias leituras e tirando suas conclusões e impressões.

4 CONFESSO QUE VIVI (OU CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Ao chegar ao final deste trabalho, tomei emprestado o título (em português) de uma obra do premiado escritor chileno Pablo Neruda para nomear este último capítulo. Essa escolha não foi sem motivo, pois o livro *Confieso que he vivido* (1974), publicado postumamente, é uma obra de caráter autobiográfico, que ambienta e me aproxima daquilo que conheci sobre sua vida, durante o intercâmbio que me fez viajante e me possibilitou, também, pensar como pesquisadora, quando metaforicamente viajei pelo mundo teórico das (auto)biografias, das fotografias, das narrativas de viagem.

O intercâmbio e o estudo de espanhol promoveram muitas transformações pessoais e mudaram ou reforçaram alguns pontos de vista e formas de encarar fatos e conceitos que eu tinha antes. Sabia o quanto viajar pode (re)significar a vida de uma pessoa, mas só agora entendo que, de acordo com a forma como nos posicionamos diante da viagem, ela pode assumir aspectos bem diversificados e, além disso, que um turista é muito diferente de um viajante. Meireles (1999, p.101-104 apud MODERNELL, 2011, p.55-56) nos diz que o turista, “[...] considera-se inteligente [...] se consegue ser entendido numa loja [...]”. O viajante dá para descobrir semelhanças e diferenças de linguagem, procura raízes [...]”. Eu não sabia, mas agora percebi que sou uma viajante e, se alguma vez fui turista, não me lembro mais. Essa viagem ao Chile reforçou em mim o sentimento de que uma viagem precisa ter um propósito para ser vivida plenamente, para ter sentido, para valer a pena.

Ora, se a viagem ao Chile foi vivida plenamente era preciso fazer o seu registro, deixar gravado (documentado) as memórias de uma parte de minha história era relevante sim, mas o mais importante, para mim, foi construir uma produção que conseguisse, ao mesmo tempo, mostrar impressões, interpretações e olhares de uma cidade a ser descoberta por via da minha subjetividade, podendo, posteriormente, compartilhar tudo isso com um número ilimitado de pessoas. Dessa forma, consegui entender que as narrativas de viagem acabam tendo um aspecto autobiográfico, pois “[...] o narrador-viajante quer dar a ver [...] a sua relação com o espaço e cultura, estrangeira ou de pertença, num determinado período de tempo.” (CUNHA, 2012, p. 155).

Nessa realidade, pensar que um trabalho acadêmico possa “sair dos muros da universidade”, ser visto e estudado, consultado e usado por um número irrestrito de pessoas, com inúmeros interesses, estimulou a opção da produção do guia(grafema) de viagem no formato de um *Digital Storytelling*. Agora, depois de cumprida, confio que

essa criação não irá ficar restrita ao repositório digital, mas sim permitirá que, além das duas acadêmicas que avaliarão esse guia(grafema) como requisito para meu título como Especialista e das minhas duas orientadoras, mais pessoas viagem comigo.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **Cadernos da viagem à China**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. 2. ed. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. [Lisboa]: Fcsh Universidade Nova de Lisboa, 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/biografema/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

CUNHA, P. C. **Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens**. Caracol, n. 3, p. 152-173, 7 jun. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2317-9651.v0i3p152-173>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma Vida. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HACK, Josias Ricardo; GUEDES, Olga. **Digital Storytelling, educação superior e literacia digital**. **Roteiro**, Joaçaba, v. 38, n. 1, p.7-30, jan./jun. 2013. Semestral. Disponível em: <www.editora.unoesc.edu.br>. Acesso em: 20 dez. 2018.

IANNI, Octavio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LIMA, Osvaldo Santos. **Câmara Clara, um diálogo com Barthes**. Texto apresentado no VI Lusocom (integrado no III Congresso Sopcom). Covilhã: Universidade da Beira, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-osvaldo-Camera-Clara7.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MODERNELL, Renato. **Em trânsito**: um ensaio sobre narrativas de viagem. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

PABLO NERUDA (Chile). **Confesso que Vivi**: Memórias. Bertrand Brasil, 1974.

Tradução de Olga Savary. Disponível em: <<https://rl.art.br/arquivos/6182727.pdf?1512593316>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

PARRA, Violeta. **Gracias a La Vida**. 1964. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NIDD2Y9lMAA&list=PL1xDvNr1aZ6W_u_p-zSD0UtX5y55fFEZ9&index=2>. Acesso em 1 mai. 2019.

PARRA, Violeta. **Volver a los 17**. 1964. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oe1o13Clv4&list=PL1xDvNr1aZ6W_u_p-zSD0UtX5y55fFEZ9&index=5>. Acesso em 1 mai. 2019.

SCHEMES, Elisa Freitas. **A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa**. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2015, Florianópolis. Artigo. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 01-13.

PRIORE, Mary del; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

APÊNDICE A - Roteiro para elaboração do guia(grafema) de viagem

1. Título

LINGUAGENS DO CHILE: GUIA(GRAFEMA) DE VIAGEM

2. Público-Alvo

O público alvo deste *Digital Storytelling* são os professores avaliadores do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância, bem como todas as pessoas interessadas em textos literários de viagem. A apresentação conterà narrações em ‘off’ feitas pela autora do DS, diversos textos apresentados em sobreposição às fotos e um vídeo (trecho). Utilizando recursos digitais para produzir um material audiovisual, será apresentado um guia(grafema) da viagem, realizada pela autora, ao Chile em novembro de 2018.

3. Narração e descrição geral do vídeo

Utilizando recursos digitais para produzir um material audiovisual, será apresentado um guia(grafema) da viagem, realizada pela autora, ao Chile em novembro de 2018. A apresentação conterà narrações em ‘off’ feitas pela autora do DS, em Português e em Espanhol. As narrações estão detalhadas no item 8 (Roteiro).

4. Músicas

As músicas utilizadas foram baixadas de: <<https://freemusicarchive.org/genre/Soundtrack/>>. Acesso em: 14 ago.18.

A abertura será com a música *Gracias a la Vida* e o encerramento será com a música *Volver a los 17*. Ambas de autoria de Violeta Parra. As músicas estão detalhadas no item 8 (Roteiro).

5. Imagens

A apresentação conterà diversos textos apresentados em sobreposição às imagens (fotos) e um vídeo (trecho). As imagens (fotos) são de arquivos digitais produzidos pela autora do DS. Vídeo: O vídeo utilizado é oriundo de arquivo digital produzido pela autora do DS. As imagens, textos e o vídeo utilizados estão detalhados no item 8 (Roteiro).

6. Créditos Finais (separados em três quadros)

Criação Midiática apresentada como parte do Trabalho Final da Especialização em Linguagens e Educação a Distância, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Acadêmica: Valéria da Silva Braga

Orientação: professoras Dr^a Tânia Regina de Oliveira Ramos e M^a Marina Siqueira Drey

Roteirização e edição: Valéria da Silva Braga

7. Duração


Introdução e abertura: 1' 50'' (aproximadamente)

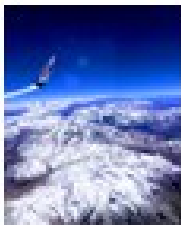

Desenvolvimento: 15' (aproximadamente)


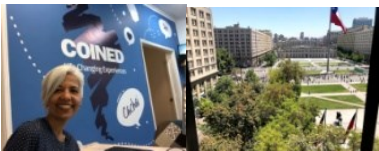
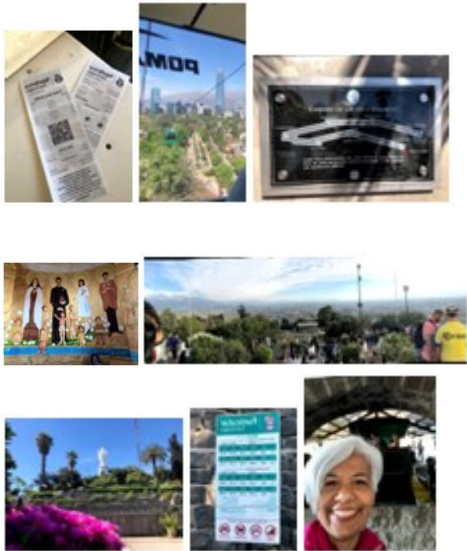
Encerramento (incluindo os créditos finais): 40'' (aproximadamente)

Tempo total (aproximado): 17' 30''

8. Roteiro

Momentos	Vídeo	Áudio
1 Abertura	Imagem: 	-X-
1 Abertura	Texto sobre fundo preto: LINGUAGENS DO CHILE: guia(grafema) de Viagem, por Valéria da Silva Braga.	-X-
2 Introdução	Texto sobre fundo azul escuro: Cecília Meireles no diz que “Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes [...]. O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às	Narração em off do texto projetado na tela

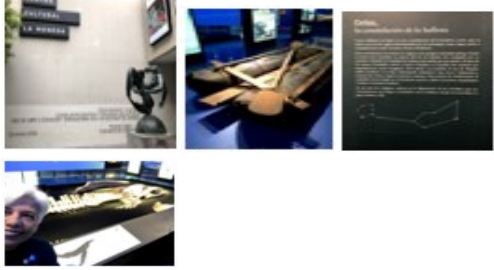

	<p>mais sublimadas almas do passado, do presente e até do futuro – um futuro que ele nem conhecerá. [...] Posta-se diante de um monumento, e começa outra vez a descobrir coisas: é um pedaço de coluna, é uma porta que esteve noutra lugar, é uma estátua cuja família anda dispersa pelo mundo, é o desenho de uma janela, é a cabeça de um anjo que lhe conta sua existência, são as figuras que saem dos quadros e vêm conversar sobre as relações entre a vida e a pintura, é uma pedra que o arrebatava para o seu abismo interior e o cativa entre suas coloridas paredes transparentes.”</p> <p>Cecília Meireles (1999), citada por Modernell (2011, p. 55)</p>	
2 Introdução	<p>Texto sobre fundo preto:</p> <p>Turista eu, não! Eu decidi ser viajante e, sempre que puder, o serei.</p>	Narração em off do texto projetado na tela
2 Introdução	<p>Imagem:</p> 	Música de abertura: <i>Gracias a la Vida</i> (Violeta Parra)
3 Introdução	Vídeo: Pela janela do carro...Chegada	Continuação da música de abertura
4 Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>Texto:</p> <p>2) <i>Una intimidad que aún no hay.</i></p> <p>3) Pela janela do quarto, busco uma imagem, uma visão. O prédio está distante, não prejudica a privacidade. Tem muito verde e pássaros. Segundo piso, canos enferrujados.</p>	<p>Narração em off:</p> <p>2) <i>Una habitación para mí. Los pies y las piernas cansados buscan una intimidad que aún no hay. La maleta está cerrada.</i></p> <p>3) (idem ao texto)</p>
Desenvolvimento	Imagens:	Narração em off:

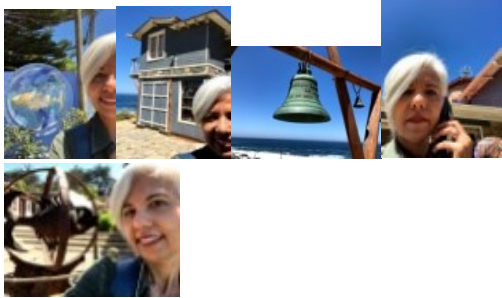
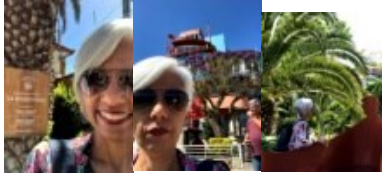

	 <p>Texto:</p> <p>4) <i>Fiesta, colores, cielo, bandera. mujer</i></p> <p>5) (sem texto)</p> <p>6) Uma rua tranquila, outrora palco de tortura e morte. Passado e presente. O arranha-céu é de vidro, frágil presente. O prédio antigo é de pedra, duro passado.</p>	<p>4) <i>Primer día. El domingo en el parque? No, en la plaza. Fiesta de colores. El cielo azul, la bandera. Una mujer y su sombrero.</i></p> <p>5) <i>La tarjeta bip. El medio de pago de buses y metro. La movilidad urbana.</i></p> <p>6) (idem ao texto)</p>
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>7) (sem texto)</p> <p>8) Pela janela da escola, vejo a cidade. Lá fora agitação. Dentro, a aula de espanhol é um refúgio.</p>	<p>7) <i>Primer dia em la escuela. ¿Profesora o estudiante? La profesora se ha convertido en una estudiante.</i></p> <p>8) (idem ao texto)</p>
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>9) <i>Tour, clases, ciudad, conocer</i></p> <p>10) A Cordilheira está lá, sempre, suntuosa, imponente, sempre.</p> <p>11) (sem texto)</p> <p>12) (sem texto)</p> <p>13) Santiago vista do alto do <i>Cerro San Cristóbal</i>.</p> <p>14) <i>Colores, colores, colores.</i></p>	<p>9) <i>Clases por la mañana. Tour por la tarde. Conocer la ciuda y sus encantos.</i></p> <p>10) (idem ao texto)</p> <p>11) <i>Cada frase pronunciada por Jesús desde la Cruz, inspira la obra de siete destacados artistas nacionales y una oración que ayuda a la reflexión.</i></p> <p>12) <i>Haz de nosotros um país de hermanos.</i></p> <p>13) Santiago vista do alto do <i>Cerro San Cristóbal</i>.</p> <p>14) <i>Colores: azul, rosa, verde, pero la Santa és blanca.</i></p> <p>15) (idem ao texto)</p> <p>16) (idem ao texto)</p>

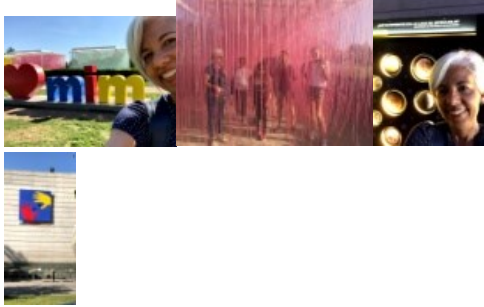
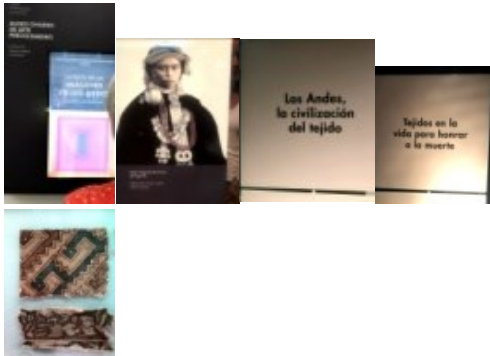

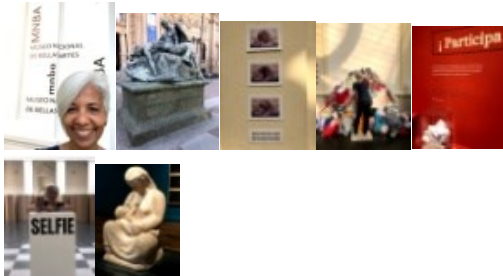
	<p>15) <i>Informacion. Information. Informação.</i></p> <p>16) Funicular: Outro modo de subir ou descer o <i>Cerro San Cristóbal</i>.</p>	
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>17) <i>Camino, ruta, tour</i></p> <p>18) (sem texto)</p> <p>19) <i>Flores, piedra, fuertes, delicadas</i></p> <p>20) Um caminho de subida e muitas curvas leva à Represa de <i>Embalse del Yeso</i></p> <p>21) 2.500 metros de altitude e a visão do principal lago artificial da represa.</p> <p>22) <i>Represa de Elbalse del Yeso</i></p> <p>23) <i>Colores, almuerzo, vino</i></p> <p>Imagens:</p>  <p>24) Um chiste, Uma broma</p> <p>25) Preferências, uvas, vinho tinto</p> <p>26) <i>Perro guardián</i></p> <p>27) O “Cão” guardião. Lendas, <i>Casillero del Diablo</i></p>	<p>17) <i>Subiendo para Cajón del Maipu y la Represa de Embalse del Yeso</i></p> <p>18) <i>Hace frio em El paradero del Maipu</i></p> <p>19) <i>Me gustan lãs flores que nacen em las piedras. Delicadas, pero fuertes.</i></p> <p>20) (idem ao texto)</p> <p>21) (idem ao texto)</p> <p>22) - X –</p> <p>23) <i>Si tiene vino, tiene fiesta. Degust ael queso, las colores, el vino</i></p> <p>24) Narração em off da tirinha</p> <p>25) - X –</p> <p>26) <i>El mejor amigo dês hombre</i></p> <p>27) <i>Casillero del Diablo é uma lenda que, além de proteger dos ladrões o melhor produto da vinícola, o tornou o vinho mais conhecido do mundo.</i></p> <p>28) - X–</p> <p>29) <i>Metro de Santiago: Las estaciones desde la casa hasta la escuela. Empezando em Salvador después Baquedano, U. Católica, Santa Lucía, Universidad de Chile y La Moneda.</i></p> <p>30) <i>Después de caminar 10 minutos, tomar um bus lleno, llego a la estación Salvador.</i></p>

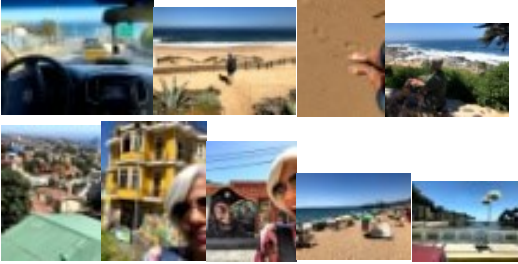

	<p>28) <i>Cerro Santa Lucía</i> 29) <i>Metro de Santiago</i> 30) <i>Estación, Salvador, mañana, escuela, metro</i></p>	
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>31) <i>Museo de La Memoria y Los Derechos Humanos</i> 32 e 33) (sem texto) 34) <i>Acessibilidade. Inclusão. Não são favores! São direitos. Direitos Humanos.</i> 35) <i>Víctimas, democracia, respecto, tolerancia, ética</i></p>  <p>36) (sem texto) 37) (sem texto) 38) <i>Azul, água, natureza, paz</i></p>	<p>Narração em off:</p> <p>31) No ano de 2010, a presidenta Michelle Bachelet inaugurou este museu como um espaço destinado a mostrar algumas das violações aos DH ocorridas no Chile entre 1973 e 1990 32 e 33) <i>Aprender de lo vivido y hacer conexiones, y reflexiones, y pensar, y respetar</i> 34) (idem ao texto) 35) <i>Dignificar a las víctimas y a sus familias. Que los errores del pasado nunca más se repitan.</i> 36) Entrada do Templo Bahá'í em Santiago 37) A arquitetura do templo é algo diferente e muito interessante. As fotos internas não são permitidas. De longe parece uma nave alienígena. De perto também. 38) Um local aprazível onde o silêncio é quebrado pelo canto dos pássaros e pelo vento nas árvores. Lá em baixo está a cidade de Santiago, única a abrigar um Templo da Fé Bahá'í na América do Sul.</p>


	 <p>39) <i>Sky Costanera</i> 40) A sensação de estar em um helicóptero. São mais de 60 andares, 300 metros de altura. Ângulos diferentes para observar Santiago. 15 de novembro. Tem neve nos Andes. 41) <i>Rio Mapocho dia</i> 42) <i>Rio Mapocho, luces, noche</i> 43) <i>Noche hermosa</i></p>	<p>39) -X- 40) (idem ao texto) 41) (idem ao texto) 42) <i>La ciudad y sus luces</i> 43) <i>Yo no quería ir. Quería quedarme aquí en esta noche hermosa.</i></p>
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>44) (sem texto) 45) Flores, colores, Violeta 46) Violeta, sonidos 47) <i>Guitarrón. 25 cordas. Não era para mulheres.</i> 48) A letra, o manuscrito <i>de Gracias a La Vida</i>. Um hino ao amor de Violeta Parra 49) Mundo, arte, Chile, Violeta, história.</p>	<p>Narração em off: 44) No Museu de Violeta Parra conheci esta mulher, violonista, cantora, compositora, pintora. Uma artista múltipla, uma mulher múltipla. 45) <i>Vicuña Mackenna, 37. La dirección de este jardín magnífico.</i> 46) <i>Sonidos de Violeta, sonidos de la naturaleza.</i> 47) O <i>guitarrón</i> não era um instrumento para mulheres. Violeta provou o contrário. 48) (idem ao texto) 49) Gente de todo o mundo foi conhecer e se encantar com Violeta Parra, sua história de vida e dedicação à arte, à família e ao seu país.</p>
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>	<p>50) Um Centro Cultural no subsolo do Palácio do Governo. Exposições itinerantes, livrarias e cafés. Um refúgio no centro da cidade.</p>

	 <p>Texto:</p> <p>50) Escultura, Kama Sutra????</p> <p>51) Embarcação rudimentar utilizada pelo primeiros habitantes para caçar baleias no litoral chileno</p> <p>52) <i>Ballenas, estrellas</i></p> <p>53) (sem texto)</p>	<p>51) (idem ao texto)</p> <p>52) <i>És así que los antiguos vieron ... cabeza y cola</i> (trecho do texto que está na foto)</p> <p>53) -X-</p>
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>54) <i>La Chascona</i> foi a primeira casa de Pablo Neruda que visitei. Encantei-me. Arquitetura ímpar, história ímpar. Lá eu conheci outra mulher fascinante: Matilde Urrutia</p> <p>55) <i>La Chascona</i>, casa, Neruda&Matilde, Santiago</p> <p>56) (idem à narração)</p> <p>57) Neruda, checo, Basoalto, chileno</p> <p>58) A irreverência do poeta, diplomata, prêmio Nobel de literatura pode ser vista nesta réplica do porta temperos que ele criou para usar e presentear os amigos. Sal e pimenta?? Não! <i>Morphine e Marijuana</i></p> <p>59) <i>La Chascona</i> pela visão da rua.</p>	<p>Narração em off:</p> <p>54) (idem ao texto)</p> <p>55 e 56) <i>La chascona</i> foi o nome dado por Neruda, à casa em que viveu com sua última esposa, Matilde Urrutia. O nome, que quer dizer descabelada, foi uma alusão aos cabelos fartos e cacheados de sua amada.</p> <p>57) <i>Jan Neruda fue un poeta checo. Pablo Neruda, poeta chileno, de nombre Neftalí Reyes Basoalto, tomo como seudonimo El apellido del poeta checo.</i></p> <p>58) (idem ao texto)</p> <p>59) (idem ao texto)</p> <p>60) (idem ao texto)</p> <p>61) (idem ao texto)</p> <p>62) <i>Escribió Neruda: “El Oceano Pacífico se salía del mapa. No había donde ponerlo. Era tan grande, desordenado y azul que no cabia em ninguna parte. Por eso lo dejaron frente a mi ventana”.</i></p> <p>63) Todas as três casas possuem sistema de áudio</p>

	 <p>60) <i>Isla Negra</i>. A casa de Neruda à beira-mar que era o lugar onde o poeta mais gostava de estar. O marinheiro de terra firme que construía casas imitando barcos.</p> <p>61) Grande anfitrião que era, gostava de receber os amigos, mas essa casa era também um refúgio onde Neruda escreveu alguns de seus principais livros.</p> <p>62) Pacífico, Neruda, Ventana</p> <p>63) (idem à narração)</p> <p>64) <i>Fundación Pablo Neruda</i></p>  <p>65) La Sebastiana, a casa de Neruda em <i>Valparaiso</i>. As obras de reforma impediram a visita ao interior da casa.</p> <p>66) Mesmo em obras, é possível notar a beleza da casa e a semelhança da arquitetura de <i>La Sebastiana</i> com as demais que visitei.</p> <p>67) <i>Confieso que he vivido</i></p>	<p>guia. Detalhes de cada cômodo, destaque para os objetos especiais e histórias, muitas histórias são contadas no idioma que o visitante escolher.</p> <p>64) <i>La Fundación Pablo Neruda fue creada em 1986, em base al testamento de Matilde Urrutia, viuda del poeta.</i></p> <p>65) (idem ao texto)</p> <p>66) (idem ao texto)</p> <p>67) <i>Le pregunté a Neruda qué pensaba de la vida. Él respondió: Confieso que He vivido</i></p>
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>68) <i>Montaña, Valle Nevado</i></p> <p>69) <i>¿Tiene nieve?</i></p> <p>70) <i>No, no tiene.</i></p>	<p>Narração em off:</p> <p>68) <i>Subir la montaña. Tour a Valle Nevado.</i></p> <p>69) (idem ao texto)</p> <p>70) (idem ao texto)</p> <p>71) (idem ao texto)</p> <p>72) (idem ao texto)</p> <p>73) <i>¿Qué tan diferentes son las lunas del sistema solar?</i></p> <p>74) (idem ao texto)</p>

	 <p>71) <i>Museo Interactivo Mirador</i> 72) <i>Arte y Ciencia</i> 73) <i>Lunas, Sistema Solar</i> 74) Um museu onde a interação com as artes e a ciência acontecem naturalmente. Aprender brincando, jogando, fazendo, vivendo!</p>	
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>75) Do futuro ao passado 76) <i>Pueblos originales, Mujer Mapuche</i> 77) -X- 78) -X- 79) <i>Los tejidos y sus colores naturales. Uma cultura de tejedores.</i></p>  <p>80) -X- 81) <i>Flores, colores, azul, rojo, verde</i></p>	<p>Narração em off: 75) <i>Museo Chileno de Arte Precolombino</i> 76) (idem ao texto) 77) <i>Los Andes, la civilización del tejido</i> 78) <i>Tejidos en la vida para honrar a la muerte.</i> 79) (idem ao texto) 80) <i>Paseo de Domingo</i> 81) <i>Flores y colores. Me gustan las flores y las colores.</i></p>
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p> 	<p>Narração em off: 82) <i>Museo Nacional de Bellas Artes</i> 83) <i>La obra de la artista chilena Rebeca Matte es muy significativa. Um padre com su hijo muerto em sus brazos. Tal como La Pietá.</i></p>

	<p>82) (sem texto)</p> <p>83) <i>Ícaro y Dédalo, La pietá</i></p> <p>84) <i>Toma el puesto de la Venus</i></p> <p>85) <i>Yo tome</i></p> <p>86) Um museu tradicional, mas com muitas inovações, participação e interação.</p> <p>87) O convite para fazer a “selfie da selfie” com auxílio de um espelho foi aceito por mim. Interação também no <i>Bellas Artes</i></p> <p>88) <i>Madre, hijo</i></p>	<p>84) (idem ao texto)</p> <p>85) (idem ao texto)</p> <p>86) (idem ao texto)</p> <p>87) (idem ao texto)</p> <p>88) <i>Uma madre com su hijo pequeño es siempre hermoso.</i></p>
Desenvolvimento	<p>Imagens:</p>  <p>89) <i>Pacífico, La playa</i></p> <p>90) <i>El camino del mar</i></p> <p>91) <i>Pies, Pacífico</i></p> <p>92) <i>Mirando el mar</i></p> <p>93) <i>Valparaíso é uma simpática e colorida cidade portuária à 130km de Santiago.</i></p> <p>94) <i>Uma casa amarela. Valparaíso</i></p> <p>95) <i>Pirata, Mirando. ¿Porqué me miras si no me quieres?</i></p> <p>96) <i>Viña del Mar. Lugar famoso, mas não achei aprazível.</i></p> <p>97) <i>Viña del Mar</i></p>	<p>Narração em off:</p> <p>89) <i>Tour a Algarrobo para conocer el Pacífico.</i></p> <p>90) (idem ao texto)</p> <p>91) <i>Mojé mis pies em el Pacífico. La agua es muy fría.</i></p> <p>92) (idem ao texto)</p> <p>93) (idem ao texto)</p> <p>94) (idem ao texto)</p> <p>95) <i>El pirata me esta mirando. ¿Porqué me miras si no me quieres?</i></p> <p>96 e 97) (idem ao texto 96)</p>
	 <p>98) Entrada GAM Centro Cultural Gabriela Mistral. Poetisa, educadora, diplomata, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura</p> <p>99) Educación, incluyente, ahora</p> <p>100) -X-</p> <p>101) <i>Profesores, yo</i></p>	<p>98) (idem ao texto)</p> <p>99) <i>Educación gratuita y incluyente ahora!</i></p> <p>100) Este painel no GAM me lembrou PINK Floyd. The wall.</p> <p>101) <i>Mis profesores y yo. Último dia de clases.</i></p>
8 Encerramento	Texto sobre fundo escuro:	Música de encerramento:

	<p>Criação Midiática apresentada como parte do Trabalho Final da Especialização em Linguagens e Educação a Distância, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC</p> <p>Acadêmica: Valéria da Silva Braga</p> <p>Orientação: professoras Dr^a Tânia Regina de Oliveira Ramos e M^a Marina Siqueira Drey</p> <p>Roteirização e edição: Valéria da Silva Braga</p>	<p><i>Volver a los 17</i> (Violeta Parra)</p>
9 Encerramento	<p>Texto sobre fundo escuro:</p> <p>Imagens</p> <p>Momentos no Chile</p> <p>1- <i>La Cordillera</i></p> <p>2- .</p> <p>3- .</p> <p>4- .</p> <p>103- Cajón del Maipu</p> <p>Fotos: Arquivo pessoal da autora</p> <p>Imagem nº 24: Tirinha/Meme que está disponível em <https://www.pinterest.com/pin/656188608187125388/> e foi acessada em 23NOV2018.</p> <p>Vídeo: Pela janela do carro (Arquivo pessoal da autora)</p> <p>Músicas:</p> <p>Abertura: <i>Gracias a la Vida</i>, Violeta Parra (1964)</p> <p>Encerramento: <i>Volver a los diecisiete</i>, Violeta Parra (1966)</p> <p>Polo de Blumenau, 2019</p>	<p>Música de encerramento:</p> <p><i>Volver a los 17</i> (Violeta Parra)</p>
10 Encerramento	 <p>FIM</p>	<p>Música de encerramento:</p> <p><i>Volver a los 17</i> (Violeta Parra)</p>

9. Link para assistir ao vídeo no Youtube:

<<https://youtu.be/KSGovMhDj0o>>